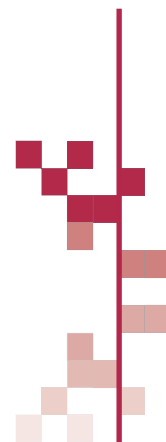


Afrodescendentes em São Leopoldo: memória coletiva e processos de identidade



Afro-descendants in São Leopoldo: Collective memory and identity processes

José Ivo Follmann¹
jifmann@unisinos.br

Adevanir Aparecida Pinheiro²
adevanir@unisinos.br

Resumo

O artigo aborda aspectos da metodologia utilizada no processo de pesquisa "Afrodescendentes em São Leopoldo: memória e identidade" e quer mostrar alguns dos seus resultados mais relevantes. Destaca-se a importância da técnica denominada "hermenêutica coletiva focal", através da qual se busca, mediante oficinas com um grupo de afrodescendentes, construir uma compreensão contextualizada e pedagogicamente envolvente e engajadora, a partir de histórias de vida, depoimentos e outros relatos, colhidos no meio da população negra de São Leopoldo. O texto do artigo se desdobra em diferentes momentos, que vão desde uma breve identificação dos limites e insuficiência metodológica dos estudos existentes conhecidos até a importância do emprego da palavra "afrodescendentes" ao referir os afro-brasileiros e algumas evidências de processos de identidade, passando por uma rápida nota sobre o trabalho desenvolvido com os afrodescendentes na Unisinos e por uma abordagem do "porquê" e do "como" da utilização do conceito de hermenêutica dentro da finalidade específica da pesquisa realizada.

Palavras-chave: cidadania, hermenêutica coletiva focal, afrodescendentes, história e identidade étnico-racial.

Abstract

This article focuses on aspects of the methodology used in the process of the research project on "Afro-descendants in São Leopoldo: memory and identity", intending to show some of its most relevant results. We stress the technique called "focus collective hermeneutics", through which we try, by means of workshops with a group of Afro-descendants, to construct a contextualized and pedagogically involving and engaging comprehension, starting from life stories and personal and other reports, collected among the black population of São Leopoldo. The text of the article is developed in different moments, ranging from a brief identification of the limits and methodological insufficiency of the existing studies to the importance of the use of the word "Afro-descendants" to refer to the Afro-Brazilians and some evidences of identity processes, including a brief note about the work developed with Afro-descendants at Unisinos and a discussion of the "why" and "how" of the use of the concept of hermeneutics in accordance with specific aim of the research project carried out.

Key words: citizenship, focus collective hermeneutics, Afro-descendants, ethnic-racial history, ethnic-racial identity.

¹ SJ, doutor em Sociologia, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Linha de Pesquisa Identidades e Sociabilidades. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil.

² Assistente social, professora, mestre em Ciências Sociais, Coordenadora do Núcleo de estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil.

Introdução

A pesquisa sobre os afrodescendentes em São Leopoldo³ proporcionou, ao grupo envolvido no estudo, boas oportunidades para ensaiar um caminho próprio na sua metodologia. O sujeito principal da pesquisa foi o "Grupo Cidadania e Cultura Religiosa Afrodescendente", a ser referido simplesmente como *Grupo Cidadania*,⁴ ao longo do artigo.

Na construção da memória coletiva, enfatizamos a importância daquilo que denominamos de "hermenêutica coletiva focal", como uma tentativa de junção entre "hermenêutica coletiva" e "grupo focal".⁵ O artigo procura dar conta desta transposição metodológica, destacando os sujeitos dentro de uma dinâmica de partilha e depoimentos pessoais e coletivos, com vistas a uma compreensão mais contextualizada e um envolvimento pessoal engajado, dentro de uma perspectiva que valoriza a produção do conhecimento de forma transdisciplinar.

O artigo está desdobrado em vários momentos, através dos quais se coloca em evidência, por um lado, a importância da metodologia utilizada e, por outro, alguns aspectos concretos relativos aos procedimentos da metodologia vivida pelo Grupo Cidadania e especificamente da utilização da hermenêutica, dentro da perspectiva indicada. Além disto, o artigo quer contribuir com novas luzes para o entendimento do próprio conceito de afrodescendentes, sinalizando também alguns processos de identidade, cujos aspectos foram mais evidenciados ao longo do processo de pesquisa, e a sua função pedagógica e educativa.

Assim, inicialmente são feitas algumas referências voltadas para as limitações dos estudos em geral existentes sobre a questão racial e também as especificidades da história racial em São Leopoldo. Na sequência, procura-se apontar aspectos do trabalho com os afrodescendentes, situando o Grupo Cidadania e a origem do projeto de pesquisa e o que o justifica, ou seja, qual a sua originalidade. Num terceiro momento, o artigo busca

trazer algumas iluminações a partir da prática de hermenêutica coletiva focal e seus desdobramentos na vida do Grupo e no processo da pesquisa. Finalmente, em dois desdobramentos, destacam-se as principais contribuições de todo esse processo para ajudar a entender melhor o conceito de afrodescendente, sinalizando também diferentes processos de identidade evidenciados e quais são suas funcionalidades dentro do contexto educacional e social brasileiro. Os parágrafos de conclusão apontam para a necessidade do aprofundamento e para as contribuições acumuladas no processo de "educação das relações étnico-raciais"⁶.

Identificando limites

São numerosos os estudos e textos que falam sobre o tráfico dos escravos negros da África para as Américas e particularmente para o Brasil. As condições do trabalho escravo, as graves marcas da escravidão de quase quatro séculos na história do Brasil e a maneira como foram mostradas através de publicações se tornaram grandes clichês, muitas vezes reforçando uma imagem negativa da população negra no Brasil.

No entanto, mesmo que os autores mais fiéis à realidade tenham buscado mostrar os registros de uma história dos afrodescendentes no Brasil, protagonizando organizações sociais marcadas por lutas de afirmação no fortalecimento de sua identidade cultural e étnico-racial, subsiste uma enorme carência de estudos em que a própria população afrodescendente protagonize a sua autocompreensão e afirmação como sujeito de sua história. Muito ainda há por fazer a fim de se vencer os obstáculos impostos pelo enredo, às vezes perverso, da cultura branca. A academia carece, sobretudo, de boas abordagens metodológicas que garantam esta reconquista identitária.

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão. Talvez, tenha-se presenciado, em nosso país, uma das formas mais perversas de

³ O projeto original, de autoria da professora MS Adevanir Aparecida Pinheiro, foi elaborado já em 2006, após algumas gravações de histórias de vida e principalmente por meio de abordagens e visitas domiciliares a famílias de origem afrodescendente. Posteriormente, foi reestruturado e passou a fazer parte de um projeto mais amplo intitulado "Memória histórica e a construção da identidade negra e da cidadania em afro-brasileiros do Rio Grande do Sul", dentro da linha de pesquisa *Identities e Sociabilidades* do PPG de Ciências Sociais, realizado na sua forma escrita pelo Prof. Dr. Carlos A. Gadea e, posteriormente, coordenado pelo Prof. Dr. José Ivo Follmann e Prof. MS Adevanir Aparecida Pinheiro.

⁴ O "Grupo Cidadania e Cultura Religiosa Afrodescendente" foi criado em 2005 na Unisinos dentro da Ação Social na Área do Pluralismo Cultural e das Relações Étnico-Raciais, da Diretoria de Ação Social. Este Grupo nasceu de uma atenção especial despertada no Grupo de Diálogo Inter-Religioso, que existia há mais tempo nesta área. No grupo, viu-se a importância de se aprofundar a contribuição das religiões de matriz africana e da cultura afrodescendente no Brasil. O Grupo hoje é abarcado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – Neabi, Unisinos.

⁵ O arranjo metodológico chamado "hermenêutica coletiva focal" foi construído a partir de duas práticas: (i) a prática da *hermenêutica coletiva* é usada, por um lado, em processos de desenvolvimento de Sistemas de Informação, onde diversos profissionais da mesma área pensam de forma conjunta e complementar a construção do processo, e, por outro lado, em pesquisas nas Ciências Sociais, como técnica de análise, reunindo num mesmo fórum perspectivas e olhares de profissionais de diferentes áreas de conhecimento, saberes e percepções; (ii) a prática usual dos *grupos focais* muito presente como técnica qualitativa de coleta de dados em Ciências Sociais e outras áreas. Na pesquisa foi praticado um trabalho de análise e interpretação com o Grupo Cidadania, que é um grupo focado e engajado no processo da educação das relações étnico-raciais. Trata-se de uma pesquisa que também é ação ou intervenção, e entendemos que a expressão *hermenêutica coletiva focal* pode com facilidade lembrar esta aproximação metodológica entre a prática da hermenêutica coletiva e a prática dos grupos focais. Poder-se-ia também falar em "hermenêutica engajada".

⁶ Ver "Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana" (Ministério da Educação, 2009).

processo abolicionista que a história já tenha registrado. O Brasil, quando aboliu a escravidão, tentou varrer do "mapa social" a população afrodescendente dos "ex-escravos". A expressão principal disto foi a ausência de uma política afirmativa de inserção na sociedade e no mercado de trabalho, na época, e ausência marcante, também, de todas as formas culturais e visuais da população negra dos livros escolares entre outros veículos de formação e comunicação, fazendo com que a imagem visual de originalidade africana ou afrodescendente ficasse relegada a situações de sofrimento e opressão, enquanto o branco permanecia no conforto social da dominação fácil.

Hoje em dia, a bem da verdade, deve-se dizer que já existe uma produção razoável de materiais didáticos que fazem justiça aos afrodescendentes, principalmente no que diz respeito à sua cultura e sua identidade negra no sentido de visualizar, com orgulho, a negritude brasileira. Entretanto, há muito a fazer porque os livros escolares e demais materiais didáticos têm sido, ao longo da história, muito pobres quando se tratava de valorizar o afrodescendente. A abolição sempre aparece como algo que se deu por pressão internacional, mostrando que não havia mais interesse comercial por este tipo de tráfico ou comércio. As referências às lutas dos escravos contra a escravidão são pouco enfatizadas. Pouco se sabe, através dos livros didáticos, sobre os esquemas de organização social e política em vista da libertação. Muito menos é conhecida, através dos livros didáticos, a perversidade do modo como foi feita a abolição, levando, de certa forma, a sociedade brasileira a entrar num processo de apagão da memória do passado escravo e, mais grave, de apagão da memória dos próprios afrodescendentes e da riqueza de suas práticas culturais.

Temos plena consciência de que dificuldades estão postas para todos os seres humanos que vivem em sociedade, mas para a população de afrodescendentes no Brasil há um peso negativo a mais que se expressa em uma terrível morosidade em todos os processos de inserção social. Além das dificuldades comuns a todos os sujeitos sociais, para os sujeitos integrantes da população negra no Brasil torna-se muito sofrido quando descobrem, em algum momento, que eles têm uma história diferente e um processo de identidade bastante deformado e prejudicado. É muitas vezes o momento em que acabam sucumbindo e se conformando para não tornar as coisas ainda piores para eles.

É preciso entender que a necessidade de se resgatar (cf. Chauí, 1994) a identidade histórica da população negra é urgente em toda parte do Brasil. Nossa atenção, todavia, volta-se para o contexto de São Leopoldo (RS), não só pelo fato de ser o município que abriga a universidade na qual se dá o presente trabalho, mas pelas características peculiares da sociedade local no que diz respeito às relações étnico-raciais. São Leopoldo fica na Região Metropolitana de Porto Alegre e é conhecida como o berço da colonização alemã no Brasil. Pouco se explicita o conhecimento sobre a história que precedeu a colonização alemã neste território e, talvez menos ainda, se explicita (ou se saiba) sobre as relações

étnico-raciais, de profunda discriminação contra os negros, que marcaram a história desta sociedade. Uma rápida revisão de alguns estudos e pesquisas mais atuais sobre a história da África e do Brasil – e mais propriamente o processo histórico do Rio Grande do Sul – fez-nos perceber a longa distância que separa o sujeito negro da sua dimensão histórica e de sua identidade (cf. Ribeiro *et al.*, 2008). São Leopoldo pode até ser considerada como um bom laboratório para aprofundar esta questão.

É notável, sobretudo, o flagrante desconhecimento que a própria população afrodescendente tem com relação aos estudos e saberes acumulados sobre a sua história e sua identidade. Neste sentido, o projeto de pesquisa em questão nasceu da convicção e necessidade do estudo coletivo da história, com um grupo de afrodescendentes, buscando analisar quais os aspectos que impedem os sujeitos negros de se apropriarem da sua história, da identidade, da cultura em geral e da cultura religiosa, em suma, do exercício de sua cidadania. Ao falar da socialização como processo de aprendizagem, Ratts e Damaceno assim se expressam: "em todos os momentos da existência, a relação com o outro e as ações ali vividas nos ensinam e nos constituem. Esta constituição é elaborada cotidianamente, e se revela nas mínimas coisas" (*in* Ribeiro *et al.*, 2008, p. 63). No grupo de Cidadania, o exercício semanal vai apontando para uma cidadania que é resgatada por intermédio de revelações históricas e memórias, dentro de um processo de socialização, de diálogo e de escuta.

São muitas as dificuldades e problemáticas, ainda existentes, de modo geral, no território leopoldense. O contexto histórico regional de imigração alemã, que marca a sociedade leopoldense, fez com que a problemática local estivesse revestida de dificuldades especiais no que diz respeito ao reconhecimento das demais etnias existentes na região. Neste contexto, as etnias diferentes à alemã ficaram à margem sem obter seu próprio espaço de forma democrática. Os muitos contatos realizados ao longo do processo da pesquisa sobre os afrodescendentes em São Leopoldo têm mostrado que, historicamente, as populações negras foram relegadas a áreas periféricas da cidade. Pouco se conhece sobre a população negra, mas quase todos sabem assinalar onde se localizam: na Lomba Grande, no Morro dos Quilombos, na Vila do Quilombo, no Bairro Feitoria, na "Rua da África" da Vila Duque, etc. Esses nomes parecem esconder dentro de si uma situação cultural, histórica e identitária que foi gradativamente apagada do mapa da cultura hegemônica branca.

Afrodescendentes na Unisinos

A pesquisa da qual o presente artigo mostra alguns resultados nasceu em meio aos trabalhos com afrodescendentes desenvolvidos na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, desde 1999.⁷

⁷ As atividades de inserção dos afrodescendentes na Unisinos iniciaram, sobretudo, pela via das atividades desenvolvidas dentro do diálogo inter-religioso, liderado pelo Grupo de Diálogo Inter-Religioso, do Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo – GDIREC. Este Grupo existe desde 2002.

Estes trabalhos começaram a ter desdobramentos mais claros a partir de 2005, quando se estabeleceu o Grupo Cidadania, que está na origem desta pesquisa e é o seu protagonista principal.⁸

Um dos grandes desafios postos para toda população negra é ver os seus saberes conhecidos e reconhecidos nas universidades e nas escolas. Para o contexto específico da história social leopoldense, isto se torna ainda mais desafiador, porque a problemática dos processos de identidade da população negra nesta região parece ter sido sufocada dentro de um contexto histórico de desconsideração e não reconhecimento étnico-racial. O trabalho de pesquisa tem apontado um complexo conjunto de sinais que mostram processos de identidade manifestos na história vivida por essa população. Os principais aspectos disso são relatados em "Retalhos dos processos de identidade", onde se elencam alguns fragmentos desses processos, a partir dos depoimentos colhidos, histórias de vida e outros relatos.

A pesquisa proporcionou uma ampla aproximação às muitas lacunas históricas que relegaram ao esquecimento e ao vazio a origem e as raízes culturais dos afrodescendentes residentes nesta região. Dentro do abismo, da escuridão do esquecimento e do vazio, passo a passo puderam ser recolhidos preciosos fragmentos para recompor os processos de identidade. Tal recomposição exige, no entanto, um grande trabalho emancipatório, na linha do que Paulo Freire denomina como *pedagogia do oprimido* e *pedagogia da libertação*. A coleta e sistematização dos "preciosos fragmentos" apontaram para a necessidade deste batismo pedagógico, para o qual entendemos como fundamental o procedimento adotado de hermenêutica coletiva focal.

O Grupo Cidadania é atualmente a mola mestra do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – Neabi, existente na Unisinos desde 2008. Ele foi e continua sendo o principal ponto de entrada para a população negra na superação de suas dificuldades para entrar no convívio acadêmico. Em recente artigo, intitulado *Sujeitos étnico-raciais, diálogo e inclusão cidadã*, a professora Adevanir Aparecida Pinheiro desenvolveu alguns aspectos importantes envolvidos na metodologia utilizada nos diversos projetos de trabalhos com afrodescendentes na Unisinos (cf. Pinheiro, 2009). Segundo a autora, trata-se de uma forma de metodologia diferenciada, pois busca a inclusão dos afrodescendentes no meio acadêmico, mediante um trabalho de valorização específica de sua cultura e as diversas maneiras de ser e tratar a cultura africana em seu cotidiano. A metodologia tem como ponto de partida a prática básica de *ir ao encontro da realidade dos sujeitos* num movimento de conhecimento e reconhecimento. Destaca-se a importância do diálogo, mediante o envolvimento dos sujeitos como *participantes ativos* e o permanente *aprendizado cidadão e solidário*, tendo como apoios de referência a *importância da escuta* e a *importância da sistematização*.

Esta prática que marca o Grupo Cidadania se dá, sobretudo, através das histórias de vida e trocas de experiências, além da

formação continuada enfatizando o trabalho de empoderamento e autoestima cidadã desta população. Nos contos e relatos sobre as histórias de vida, o sujeito afrodescendente vai descobrindo a sua importância enquanto sujeito e se apoderando do seu processo de identidade.

O processo de identidade afrodescendente

Durante o desenvolvimento do processo da pesquisa, foram realizadas algumas oficinas de hermenêutica com os integrantes do Grupo Cidadania. Em um dos depoimentos registrados ao longo dessa atividade, podemos perceber a importância de se enfatizar o resgate histórico frente à resistência que tem pesado sobre a população afrodescendente e frente à grande incapacidade que a sociedade – e a sua intelectualidade – tem de colocar-se no lugar do afrodescendente. Esta resistência e incapacidade estão relacionadas com o medo de fazer frente à exposição da chaga, geradora de indignação.

Na percepção do Grupo, a prática da "hermenêutica", dentro de uma dinâmica coletiva e engajada (focal), na pesquisa em questão, chegou a ser vista como fazendo parte do essencial da luta por resgatar a dignidade dos sujeitos afrodescendentes, pois despertou para a consciência da necessária passagem pela indignação no verdadeiro amadurecimento do conhecimento:

Se você conhece um negro que ele não passou por uma história de luta é porque "ele está escondido em algum lugar", porque todo mundo tem que passar e lutar para ser alguém. Então, a gente reuniu até as palavras-chave para nosso debate: lutar, silenciar, vencer, resgatar, ser um ser humano (afr.sl.me.ident/ou-033-05/11/10).

Para se identificar como um ser humano, o negro precisa passar pela luta, vencer os silêncios, resgatar a sua dignidade... Precisa ter o seu momento de indignação! Trata-se de palavras-chave que expressam a dimensão de projeto e de busca de afirmação de uma população. Há uma resignificação das vivências tidas até o momento, e uma nova rede de sentidos (significados) pode ser estabelecida a partir daí, ampliando a consciência crítica desta coletividade abordada. Sempre é necessário saber selecionar as técnicas e ferramentas adequadas. Podemos ter um belo discurso de "reconhecimento do sujeito", mas, se não utilizamos as técnicas adequadas para praticar este reconhecimento na valorização das expressões de sentido deste mesmo sujeito, o discurso se torna vazio. Segundo Paulo Freire (1985, p. 78), "um educador pode conhecer a metodologia dialética e não saber aplicá-la, não ter pedagogia e nem condições ou critérios para selecionar e escolher as técnicas, as ferramentas necessárias".

⁸ Mesmo que não se trate de um grupo focal para tal constituído, em muitos momentos o Grupo Cidadania foi espaço para que nele se realizasse esta técnica, de forma adaptada.

No processo da pesquisa, o uso do termo hermenêutica entrou de forma fortuita, quando se estava tentando argumentar que deveríamos buscar entender as falas registradas nas histórias de vida dentro do contexto vivido pelos sujeitos destas falas. Buscamos melhores fundamentos sobre o emprego deste conceito. Logo nos deparamos com o fato de que se trata de um conceito que acumula uma longa história de muitos caminhos. O caminho que nos interessou está expresso na origem da palavra *hermenêutica*. Ela deriva do nome de Hermes, divindade do panteão grego. Esta divindade fazia a mediação entre os deuses e os mortais. É uma mediação muito inspiradora, pois se trata de uma via de mão dupla. Nem tudo está claro pela iluminação das divindades e nem tudo está confuso pela obscuridade dos mortais. Nem absolutismo teórico nem relativismo empírico.

Reportamo-nos, sobretudo, às contribuições metodológicas desenvolvidas por Maria Cecília de Souza Minayo ao elucidar o conceito de "hermenêutica dialética" combinando importantes avanços na reflexão contemporânea com relação aos conceitos de hermenêutica e de dialética. Na costura que fizemos para fundamentar o conceito de hermenêutica coletiva focal, inspirados na hermenêutica dialética, nos apoiamos em três referências fundamentais, que podem ser expressas nos termos: compreensão, transformação e participação (cf. Minayo, 2010, p. 303-360). Trata-se de três atividades ou referências profundamente interconectadas.

O ambiente de diálogo que se conseguiu imprimir no Grupo Cidadania foi fundamental em termos metodológicos. Foi através do diálogo que se conseguiu reconstruir melhor os contextos dos textos (histórias de vida e depoimentos) analisados. O clima dialogal também não permitiu que houvesse "caixas-pretas" guardadas sob sigilo de quem se julga o dono do saber científico e dos seus procedimentos. O total despojamento dos pesquisadores junto aos sujeitos da pesquisa foi fundamental e ajudou para que a análise científica aterrissasse no "terreiro" da família. A participação, em diversos momentos, de integrantes de diferentes idades, diferentes níveis de formação e diferentes graus de envolvimento na militância foi sempre algo que caracterizou e marcou a prática do Grupo Cidadania. Neste projeto já se registrou a participação e interação de todo o grupo familiar, em que pai, mãe e filho, avô, avó, filha e neta ou tios e sobrinhos ou primos todos participam juntos do aprendizado, que é uma ação coletiva visando ao resgate histórico e dos processos de identidade, percebendo-se e apresentando-se como uma forma de valorização do saber.

Neste sentido, as dinâmicas e as técnicas e trabalhos de grupos têm sido um ponto de partida importante para possibilitar, de forma ativa e partilhada, um aprofundamento na compreensão, um processo de transformação no próprio grupo e uma participação sempre mais efetiva. Trata-se de movimentos fundamentais que promovem a inserção e atendem às especificidades étnicas da população negra, juntamente com suas demandas culturais e históricas.

A "descrição da vida" era, sem dúvida, uma das questões centrais no aporte de Dilthey (1949) para a hermenêutica. Entendemos que o envolvimento de toda a família e das diferentes percepções geracionais e também da participação de diferentes

níveis de formação era importante no processo de aproximação da "real realidade" da história vivida pelos afrodescendentes em São Leopoldo.

Acreditamos que, como Wilhelm Dilthey e todos os que se agregaram posteriormente ao seu pensamento, o verdadeiro significado interno da realidade social só é encontrado através da vivência. Ajudar os sujeitos afrodescendentes, num ambiente de memória coletiva, a buscar reviver experiências suas ou narradas por conhecidos ou antepassados seus foi o que se tentou fazer nesses procedimentos que denominamos de hermenêutica coletiva focal.

Assim, também, acreditamos que, como Karl Marx e todos os que se agregaram posteriormente ao seu pensamento, na realidade social acontece um processo de dominação e alienação intelectual fazendo com que os grupos – os intelectuais – que historicamente se apropriaram da condução das ideias e das formulações simbólicas tendam a se perpetuar. Para que o lado dominado se insurja e rompa esta apropriação, que é indevida e que, em geral, está encastelada, de forma refinada, na própria academia, é fundamental que os processos hermenêuticos promovam ampla participação dos grupos que sofrem a dominação (e exclusão).

Entende-se que, no contexto do processo que originou o presente artigo, a utilização do conceito de hermenêutica, nesta forma delimitada e "engajada", proporcionou o aporte de importantes contribuições no sentido de ajudar a situar melhor e projetar novas luzes sobre as práticas e as dinâmicas vivenciadas e desenvolvidas pelo Grupo Cidadania, nas quais se visa que cada sujeito possa efetivamente trazer de dentro de si um resgate de seu processo de identidade, de uma forma própria, diferenciada, autocompreensiva, mesmo que isso possa ter causado, muitas vezes, dor e sofrimento, como alguns testemunharam em seus depoimentos.

Concordamos com Stuart Hall (2005) quando considera que a identidade é algo que se vai formando ao longo do tempo, através de processos conscientes e inconscientes. Conforme este autor, a identidade centrada numa concepção sociológica é vista como preenchimento de um espaço entre o "interior" e o "exterior" – entre o mundo pessoal e o mundo público. Ele quer dizer que, a partir do ponto de vista sociológico, a identidade do sujeito pode ser algo que, ao interagir com a sociedade, vai preenchendo os espaços e possibilitando uma maior socialização e publicização de sua participação e ação.

Ao atuar junto ao sujeito negro ou afrodescendente e falar da identidade, percebe-se que parece haver certo choque quando se dá a tomada de consciência de que existe aí uma história e uma identidade que são desconhecidas. Entendemos ser importante referir aqui este autor em suas reflexões e sentimos necessidade de aprofundar isto no processo da pesquisa. Ele afirma que

a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (Hall, 2005, p. 39).

Esta formulação assim expressa por Hall (2005) se aproxima muito da constatação feita pela equipe de pesquisa ao longo do processo nela vivido. Em nossa concepção, o ser humano é um ser de projeto e a identidade é um permanente processo de costura que o sujeito faz, no qual o individual e o coletivo, o passado e o futuro se entrelaçam fecundamente (cf. Follmann, 2001). Isto, no entanto, só é desencadeado de forma efetiva na medida em que o sujeito se sentir empoderado e crescer em sua autoestima. Sem isto, o seu "mundo" e a sua identidade continuarão fragmentados e fragilizados.

Afrodescendentes: por que usar este termo?

Por muito tempo, a própria África foi estudada como um continente de "negros selvagens". Como bem afirma Ramos (1946), trata-se de uma invenção europeia para justificar o tráfico e a exploração colonial. Esta justificativa, com toda a argumentação que a acompanhou, afetou e afeta diretamente a vida psíquica de milhões de sujeitos ligados à etnia negra. Isso se tornou, sem dúvida, um processo de identidade, no mínimo, perverso para a população negra, mas é um processo cultivado no senso comum e na cultura popular. Para ele, "o trabalho científico conseguiu desfazer, até certo ponto, a ilusão. No entanto, nada mais falso do que esta noção popular da África" (Ramos, 1946, p. 3). Estereótipos misturados com desconhecimento, por um lado, e desatenção histórica misturada com medo, por outro lado, geram muita confusão e sofrimento. São confusões e sofrimentos reproduzidos também pelos silêncios da academia.

O processo vivenciado pelo Grupo Cidadania está sendo uma tentativa bem-sucedida de fazer frente a estes falsos e inibidores silêncios no cotidiano universitário.

O termo "afrodescendentes", dentro do contexto estudado, dá conta do que normalmente se entende por afro-brasileiros, mas chamando especial atenção para o fato da *descendência africana*. A revisão das raízes históricas e a consciência de descender de culturas provenientes de um continente portador de um processo histórico e cultural muito rico e pouco conhecido, ou muito esquecido ou ocultado, afirmam a importância do emprego deste termo. Ao se dizer afrodescendente, aguça-se a curiosidade por saber de suas origens e se multiplicam as interrogações sobre os "porquês" do esquecimento... Ao se dizer afrodescendente, abre-se um horizonte de interrogações e de buscas que visam a reconstruir o fio da história que, por muito tempo, foi considerada perdida, mas que revive na memória que não se apagou.

A reflexão que aqui introduzimos com relação ao uso do termo afrodescendentes nos reporta também à questão da identidade. Como já sinalizamos anteriormente, um dos aspectos fundamentais a serem considerados quando se trata do processo de construção da identidade ou da perda da identidade é a memória com relação às próprias origens. A identidade é um processo permanente de interlocução entre as individualidades

e os coletivos e entre o passado (origem étnico-racial) e o futuro (projeto de vida, utopia social) (cf. Follmann, 2001).

Na pesquisa, buscamos colher, através de alguns fragmentos de discurso, expressões ou sinalizações de perfis de identidade, ou de dimensões mais ou menos visibilizadas no processo de construção das identidades dos afrodescendentes de São Leopoldo.

Retalhos dos processos de identidade

Em recente artigo, intitulado *Afrodescendentes em São Leopoldo: retalhos de uma história dominada* (Follmann et al., 2009), fomos despertados para a necessidade de um maior aprofundamento empírico descritivo dos processos de identidade da população negra neste município. É o que colocamos especificamente em pauta neste momento na presente publicação.

Escolhemos para tal um caminho próprio que permita estabelecer um canal direto de comunicação entre a percepção e a fala dos afrodescendentes, a reflexão coletiva dos mesmos afrodescendentes a partir destas percepções e as falas e os encaminhamentos e questionamentos teóricos decorrentes de cada recorte (fragmento) ou contexto específico.

Casa da Feitoria e Casa do Imigrante: usurpação cultural de um espaço

Um exemplo claro e paradigmático da marginalização da população na história de São Leopoldo é o descaso com relação à contribuição histórica da Feitoria do Linho Cânhamo (cf. Pinheiro e Maria, 2009). A Casa da Feitoria foi historicamente ressignificada como Casa do Imigrante. O seguinte depoimento ilustra esta realidade:

A minha história... São Leopoldo é uma cidade, como todo mundo sabe, de origem alemã, de descendência alemã e onde sempre existiu uma população negra pequena, mas sempre existiu, inclusive, segundo consta, anteriormente à chegada dos alemães. Os alemães chegaram em 1824; foi o início da colonização alemã no Brasil. São Leopoldo é o berço da colonização alemã no Brasil. Então já existia a população negra na região que se chamava Feitoria (afr.sl.me.ident/dp-023, 06/05/08).

A nossa reflexão a partir das oficinas de hermenêutica nos levou a reforçar a percepção de que os negros parecem ter a marca de uma história e identidade não reconhecida nesta região. Convivemos hoje, ainda, com as duras dificuldades de engajar os negros nas atividades sociais na região de São Leopoldo. Com a instituição da Lei 10.639/2003, evidenciam-se reações e manifestações que escondem dores acumuladas por brancos e negros e que tocam vivamente a história dos afrodescendentes na região. Para os afrodescendentes, a busca de sua cultura e identidade nesta região tornou-se o principal ponto de partida para recompor a verdadeira história. São Leopoldo, com razão, tem orgulho de ser "berço da colonização alemã" no Brasil, mas

não se deve esquecer que isto não pode, em hipótese nenhuma, significar que os imigrantes alemães tenham sido os iniciadores da história nesta região. Quando a reflexão vai nesse rumo, o discurso passa a derivar para um viés ideológico de escamoteio em relação a um espaço que já tinha história. Neste espaço já existiam outras etnias, sobretudo a população negra, que este tipo de discurso tende a desconsiderar ou minimizar. Assim, quando, através de um discurso ideológico, se aproxima o fato de São Leopoldo ser o "berço da colonização alemã" à ideia da origem histórica de São Leopoldo, esvaziando o significado histórico da Casa da Feitoria, está se evidenciando algo que poderia ser denominado de *usurpação cultural*.

Existe um conhecimento difuso sobre isto no meio da população negra, sobretudo, a mais antiga. Trata-se de um conhecimento acompanhado de sabor amargo de algo mal resolvido e que deveria ter uma intervenção mais afirmativa das autoridades constituídas. Isto está expresso no depoimento de um senhor de idade, morador da Cohab/Duque:

Os imigrantes alemães, eles chegaram ao Rio de Janeiro em [...]. Não registraram, lá, a sua chegada. Depois vieram para São Leopoldo. Ai registraram aqui. Era uma dificuldade na época, não havia ônibus, certamente vieram de carroça. Os negros já estavam aqui... Então esta cidade é dos negros, porque os negros já estavam aqui. Os alemães expulsaram os negros. Tomaram conta. Aquilo tudo ali no patronato era muito grande... Tudo aquilo ali era plantação do linho cânhamo. Era feito cordas para os navios. Era uma fábrica de corda. Certa vez eu disse para o prefeito: "Vanazzi, quando é que vocês vão devolver aquilo que é do negro? Isso tudo aí é dos negros, eles vieram primeiro". Eu falei isto para o Vanazzi (afr.sl.me.ident/hv-019, outubro de 2010).

A marca dos deslocamentos e desmembramentos forçados

As famílias brancas, em geral, sabem quais são as suas origens e conseguem recuar diversas gerações em suas árvores genealógicas. Algumas conseguem identificar ramificações de parentesco de vários séculos. Com relação às famílias negras, em geral, é muito diferente. Podemos citar um depoimento de um senhor que participou no Grupo Cidadania. Esse senhor tinha 57 anos. Quando perguntado sobre a procedência dos seus pais e qual o seu conhecimento sobre a história de sua família, ele disse: "Olha, eu sei que eu nasci em [...], mas eu não sei dizer de onde veio minha família. Meus pais nunca contaram a história da família. Na verdade eu nem sei de onde vieram os meus avós" (afr.sl.me.ident/hv-002, 21/07/2006).

Conhece-se muito pouco ou quase nada de sua própria história e da história de sua família. Esta é a constatação que se tem ao participar de um grupo de afrodescendentes como é o Grupo Cidadania. O desconforto gerado por este desconhecimento das próprias raízes imediatas e a forma imprecisa com que se consegue reconstituir os fatos gera um forte sentimento de inferioridade e de baixa autoestima, que acaba reforçando o racismo silencioso que sobrevive em nosso meio. Em uma das

oficinas de hermenêutica, alguém do grupo ilustrou muito bem a dor de quem se sente apelado, absurdamente, a silenciar e a não falar, para não tornar piores as coisas.

Nós estamos trabalhando aqui [...], e muitas vezes nos é dito: "olha isso aqui você não fala!" Ou "Vai estragar, se falar!". Ou então "Tu vai te queimar!" [...] Muitas vezes você não pode falar. "Não fala, não fala!"... Então, de novo nós estamos sendo silenciados. [...] De novo nós estamos sendo sutilmente calados (afr.sl.me.ident/ou-037, 24/06/10).

Por que não falar? A vergonha do desconhecimento das próprias origens? A falta de argumentos bem elaborados? Quem tem interesse para que isto se reproduza ao infinito? Foram reações espontâneas ouvidas na mesma oficina. Em contraposição ao desconhecimento das próprias origens e ao preconceito e racismo, às vezes explícito e em geral velado, que paira no ar, o empoderamento com relação ao conhecimento da própria história, o cultivo da autoestima e da identidade étnica se tornam urgências, sendo, ao mesmo tempo, grandes desafios.

Caminhos e descaminhos nas trajetórias familiares

Com raras exceções, as trajetórias familiares podem ser consideradas como o espaço de reforço do sentimento de inferioridade e da baixa autoestima no meio da população afrodescendente de São Leopoldo. Em alguns relatos, isto se torna muito explícito, referindo situações de violência e vergonha devido às bebedeiras, geralmente da parte dos homens. Um exemplo é o seguinte breve extrato de uma história de vida na qual a depoente fala de seu avô:

Passávamos maus-bocados com ele, pois ele aparecia machucado dos tombos que caía, quando brigava com minha avó, às vezes tentava matá-la e minha mãe apartava as brigas (afr.sl.me.ident/hv-021, 02/06/06).

A figura da mãe é uma referência importante no meio da população afrodescendente. Em muitas situações, impera uma espécie de matriarcado. A figura paterna é uma figura muito mais instável que a figura da mãe.

A minha mãe era [...], a minha mãe eu aprendi com ela que a coisa que ela tinha de mais valor eram os filhos. Então, ela passava tudo pelos filhos dela e isso eu aprendi dela, eu aprendi a amar de verdade. A minha mãe nunca deu filho nenhum. Ela passou dificuldades, batalhou e criou os filhos (afr.sl.me.ident/hv-003, 14/08/2006).

Das mães que apresentaram a narrativa de suas histórias de vida, temos alguns exemplos muito típicos de trajetória de muitos grupos familiares, onde está reforçada a ideia da figura do pai como uma figura fugidia, temporária. Quem realmente banca a história é a mulher:

Uma ele ajudou a criar até os 11 anos, e o outro nenê ele nem conheceu, o que tem 5 [anos] hoje. E assim foi a minha vida (afr.sl.me.ident/hv-007, 03/2010).

São raros os casos que manifestam explicitamente a linhagem direta de parentesco com alguém que foi escravo.

O pai do meu pai faleceu quando ele era bem criança ainda. [...] Ele foi criado pela avó dele que era escrava [...]: minha bisavó. Era descendente direto de escravos e se criou no interior de [...]. E o meu pai conta muitas histórias fantásticas a respeito dessa sua avó, que era descendente direto de escravos, sem conhecimento mínimo... A única coisa que ela sabia fazer era cozinhar e cuidar de uma casa de chão batido, o meu pai eu acho que até os 15 anos morou em casa de chão batido. Então, o que eu me lembro por parte do pai é isso aí (afr.sl.me.ident/hv-023, 18/09/06).

Não são raros os casos em que existe algum fato acontecido que reforçou a marca do preconceito racial sobre a família:

A minha mãe falava, ela contava muito de um parente dela, eu não me lembro se foi primo ou tio... não. Era irmão do pai dela, que era uma pessoa parece que doente. Aí os brancos, como diz, pegaram ele, calearam e mandaram ele pra casa. Passaram cal no corpo dele, que ele era bem moreninho. Isso ela me contava. Eu lembro de uma historinha dessa que ela contava pra nós (afr.sl.me.ident/hv-024, 14/06/10).

Lampejos de orgulho racial num contexto adverso

Tem um forte poder simbólico que iniciemos este item com um depoimento de uma professora que integra o Grupo Cidadania e é coordenadora de uma ONG que faz um trabalho de recuperação da autoestima étnico-racial junto a crianças e jovens negros de São Leopoldo:

Ah! As tradições, a cultura! Como nós temos dificuldade para identificar a nossa cultura! Às vezes a gente nem sabe o que nos pertence, a nossa cultura, e quando a gente se despoja disso e começa usar isso, muitas vezes a gente se torna uma pessoa alvo de crítica, das pessoas que tem o desconhecimento e não é só do branco, mas os negros também que não têm conhecimento. Se tu usa um colar atravessado que é de origem africana, aquela pessoa, seja negra, seja branca, que ela não tem conhecimento da história, ela até ri da gente. [...] Quer dizer, não respeitava a cultura da gente. Às vezes o próprio negro não conhece. [...] Se eu entro numa sala de aula já ignorando a minha cultura, o que vou dizer para os alunos? [...] (afr.sl.me.ident/ou-034, 05/11/10).

Aliás, parece que o sangue que foi vertido ao longo de quase quatro séculos sob as chibatadas dos feitores continua à flor da pele. Basta que se desperte um pouco a memória, para que o orgulho do sangue derramado pelos antepassados vire um clamor de orgulho:

É aquilo que eu digo muitas vezes, enquanto dizem que as pessoas brotam de flores e de semente, eu acho que nós negros brotamos do sangue da nossa luta e esse sangue que nós

derramamos que nós vamos levar a diante (afr.sl.me.ident/hv-022,14/06/10).

O maior motivo de orgulho que, muitas vezes, é manifesto é que a família é muito unida.

Meus familiares são muitos unidos, todos os fins de semana nos encontramos para fazer um churrasco e conversar um pouco de como foi o nosso dia a dia. Quando há algum problema paramos para conversar e ver quem está certo ou errado, tentando assim resolver o conflito (afr.sl.me.ident/ou-001, 16/05/2008).

Além do fator união, que tem muito a ver com a cultura originária de caráter de clã, que, como dissemos acima, muitas vezes vem perturbado por limitadores gerados por condições adversas, outro fator de grande orgulho é, sem dúvida, o fato de considerar-se integrante de um povo alegre e festeiro. É assim que uma das depoentes narra com orgulho a homenagem feita a seu pai, no dia de seu enterro:

Nós negros éramos festeiros. A gente gostava de fazer festa, de tocar, de dançar e o meu pai como músico que alegrou todo mundo, que a homenagem para ele seria uma música também. Então achei assim muito interessante, uma coisa a mais que eu aprendi do nosso povo [...] era um momento de homenagear uma pessoa que tinha dado tanta alegria pra o pessoal (afr.sl.me.ident/hv-022,14/06/10).

Mas o orgulho racial se manifesta também através do próprio empreendimento de trabalho, com a abertura de salão de beleza temático:

Olha, eu abri meu salão tudo em cima da raça negra, música, estética, manicure, pedicure, cabelo, adereços, adornos... Tudo assim tentando mostrar o valor da nossa cultura. A música de divulgação é aquela...: "Um abraço negro um sorriso negro, traz felicidade..." Então toca a música e, entre um refrão e outro, a gente fala sobre o atendimento no salão, horários, estética... (afr.sl.me.ident/hv-022, 14/06/10).

Um esforço que se confronta com a baixa autoestima da própria população negra, sendo necessário todo um trabalho pedagógico:

Mas veja só, as mulheres negras só vêm no salão à noite, sabe... [isso] porque elas têm muita vergonha de arrumar os cabelos na frente das brancas... É até engraçado, as brancas vêm durante o dia e as negras vêm à noite (afr.sl.me.ident/ou-038, 11/11/10).

As negras ficam com vergonha de fazer o cabelo durante o dia, elas só vêm no salão à noite. É muita baixa autoestima, isso que a gente tem que trabalhar, sabe... e divulgar mais os trabalhos, as músicas, eu acho isso aí (afr.sl.me.ident/ou-039, 13/11/10).

O próprio fato de poder fazer parte do Grupo Cidadania é motivo de manifestação de orgulho e de reconhecimento de uma oportunidade muito importante na vida:

Para mim foi uma experiência. Eu não entendia nada. Mas depois eu fui aprendendo e vendo outras coisas. Eu posso passar as coisas para meus filhos e aprendi muito. Abriu meus olhos. Agora, eu já vejo tudo com mais clareza, eu entendo o que é ser negro e me orgulho das coisas que eu sei que aprendo (afr.sl.me.ident/ou-040, outubro de 2010).

Um cotidiano povoado de preconceitos e discriminações

O título mais adequado para este subitem talvez fosse: *Um cotidiano povoado de silêncios sobre preconceitos e discriminações*. A questão do silêncio tornou-se muito perceptível pela maneira como os preconceitos ou as discriminações comparecem nas narrativas. Só se fala disto, depois que se criou um amplo clima favorável para tal.

O mundo escolar particularmente está povoado destes preconceitos e discriminações, como veremos adiante. As crianças negras parecem ter vivido entre um silêncio e outro, ou, então, entre uma violência e outra. Quer dizer, viviam as violências domésticas e tinham ainda que conviver com a violência escolar.

Cavalleiro (2000) vai nesta linha de pensamento quando trabalha a questão dos silêncios em sua obra *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*. O racismo é, em geral, uma vivência silenciosa tanto de quem comete o ato de discriminação como de quem recebe. Trata-se de um tipo de convivência silenciosa racista. Na sociedade leopoldense, isto não é diferente ou, talvez, até assuma formas mais acentuadas. Quiçá seja por isso que muitos afrodescendentes preferem ficar calados diante de qualquer situação de enfrentamento com branco. Alguns, mesmo sabendo que o ato de discriminar vem do branco, preferem ficar junto e ao lado do branco para não perder o lugar.

Esta é uma pecha que os afrodescendentes trazem consigo e que muito os oprime no dia a dia, fazendo com que silenciem os fatos e, quando possível, silenciem (escondam) a própria identidade étnico-racial, para não piorar as coisas para eles. Em uma das oficinas de hermenêutica, comentou-se que normalmente todos os negros passam por alguma situação de racismo. Mesmo que não falem inicialmente, à medida que sentem ambiente favorável, eles terminam por expressar suas experiências. Existem diferentes formas de racismo e existem também diferentes formas de perceber o racismo. Este, no entanto, é constante em nossa sociedade. Não se trata de algo momentâneo. Para se erradicar este racismo tão profundamente impregnado na sociedade e, em geral, tão invisível, será necessário muito esforço e muita persistência, pois a tendência é desanimar e deixar pra lá...

Na mesma oficina, um dos grupos de trabalho desenvolveu uma reflexão sobre o conceito de racismo, discordando da distinção entre o *racismo* que é da sociedade branca, a que escravizou, a opressora, que é um racismo contra a etnia negra e

o *racismo* que alguns falam que é o racismo do próprio negro. Raça é um conceito político, criado e usado para discriminar o negro. Nós aqui, os negros, e também os brancos, somos multiplicadores e temos que cuidar para não deixar se perpetuar esta ideia falseadora de que os negros são racistas contra eles mesmos. O que pode acontecer é que negros estejam com a cabeça feita e acabem pensando e agindo com relação à sua própria raça, com cabeça que reproduz a prática racista branca.

São conhecidos, por exemplo, os dados que demonstram como a remuneração dos afrodescendentes trabalhadores tende a ser, em seu conjunto, significativamente mais baixa que a dos brancos.⁹ Nisto reside, sem dúvida, o cerne de toda a questão que estamos discutindo aqui.

Mas não é só uma questão de remuneração descompassada. O ambiente de trabalho muitas vezes revela uma grande carga de preconceitos e discriminações, mais ou menos explícitos.

No emprego também que eu trabalhei, foi a outra, a amiga, colega da minha patroa que mandava me chamar de "negra suja", mandava todos os dias a guriuzinha dela me chamar, até que eu sai do serviço por causa dela mesmo, não pela patroa, que era ótima, mas a colega dela mandava a guriuzinha me chamar de negra, de "negra suja"... Era isso... (afr.sl.me.ident/hv-024, 14/06/10).

As dimensões do lazer e da religião: complexas relações identitárias

Duas dimensões da sociedade em que as relações étnico-raciais entre brancos e negros merecem uma atenção especial é a dimensão do esporte-lazer e a dimensão da religião-religiosidade.

Num primeiro grande recorte, se por um lado são conhecidas múltiplas situações e contextos no sul do Brasil em que clubes de futebol ou de outros esportes eram interditados para negros, bem como existiam os salões de baile separados, ninguém desconhece, por outro lado, que é nesta dimensão do esporte e do lazer que são proporcionados grandes espaços e oportunidades de aproximação, integração acelerada, cultivo do reconhecimento intercultural e inter-racial.

Num segundo recorte, também é gritante, por um lado, o modo como as manifestações religiosas de matriz africana foram tratadas, ao longo da história, sendo muitas vezes perseguidas e tratadas como casos de polícia e de desordem pública. Em contrapartida, também é, por outro lado, o espaço religioso um espaço onde, a exemplo do que acontece na área do esporte e do lazer, se oportunizam e facilitam as aproximações e o cultivo do reconhecimento mútuo, do diálogo e convívio, e até da dupla identidade.

Os dois recortes são amplos, mas vamos nos ater a alguns pequenos comentários, retomando constatações feitas na pesquisa. Em primeiro lugar, no que diz respeito ao lazer, existem

⁹ Cf., neste sentido, dados sobre extrema pobreza e pobreza no RGS (Governo do Estado do RS, 2010, p. 23). A população negra – *pretos + pardos* – no total é calculada como sendo de 18,7%; entre os extremamente pobres este índice passa para 34,2%; entre os pobres este índice é de 30,8%.

heranças de um passado, às vezes muito próximo e muito presente, que marcam a consciência de brancos e negros.

Quando recebo visitas negras na universidade, gosto de levar para almoçar na Sociedade Orpheu, pois esta instituição, por muito tempo, foi interdita para a população negra. Os negros não tinham acesso a ela e não podiam frequentá-la. Era de exclusividade dos brancos (afr.sl.me.ident/ou-029, 29/01/10).

Em diversos depoimentos de integrantes do Grupo Cidadania, aparecem reminiscências do passado do local de origem de sua família ou de falas de conhecidos em que se fazem referências ao fenômeno que foi bastante recorrente em muitos lugares no Rio Grande do Sul: a separação de salões de baile.

O baile [...] era separado [...]. Então os morenos era só no dia que tinha baile dos morenos. No dia que tinha baile dos brancos, os morenos não entravam, os pretos não entravam, não se misturavam no baile. Era tudo separado [...]. Ninguém dançava com os brancos, era separado! E os pais dos rapazes brancos, "Deus o livre!" se eles soubessem que um dos filhos deles ia no baile dos negros e o salão era bem pertinho até... (afr.sl.me.ident/hv-024, setembro de 2006).

Em segundo lugar, se a dimensão do esporte e do lazer trouxe historicamente a marca do preconceito e da discriminação, esta é também uma das dimensões que apresenta as melhores potencialidades para abrir caminhos no que diz respeito à "educação (reeducação) das relações étnico-raciais". O Brasil é o país do carnaval, das músicas e danças ritmadas e do futebol. Existe em tudo isto um grande cabedal de arte e habilidade herdado da África e como tal deve ser sempre mais reconhecido. Negros e brancos brasileiros se orgulham disto, como brasileiros.

Em terceiro lugar, no que diz respeito à religião não foi diferente, apesar da aparente maior assimilação histórica por parte do catolicismo.

Religião. Olha, eu posso dizer que 90% da minha família era católica não praticante, nenhum deles que eu me lembre, à exceção de uma irmã que eu tenho, foi de religião umbanda ou... não, eles eram católicos. Tenho uma irmã hoje que é Mãe de Santo, que ela gosta da religião; tive uma irmã que era espírita; e os outros irmãos são católicos também não praticantes. A minha mãe é uma católica, não fervorosa, mas ela vai à missa. A mãe eu posso dizer que vai à missa regularmente. O meu pai não vai à missa. Aquele "nego veio" não quer saber de religião, não quer saber mesmo. A religião que ele professa é outra, completamente diferente... (afr.sl.me.ident/hv-023, 18/09/06).

Se o convívio com o meio católico parece ser mais ou menos pacífico, cultivando, em muitos casos, uma duplicidade harmonizada na identidade religiosa, como as narrativas destes depoentes revelam, retrata-se, nestas narrativas, de certa forma aproximada,

a trajetória histórica religiosa de muitas famílias afrodescendentes. Isto não deve, no entanto, significar que o mundo das relações religiosas seja um mundo tão simples quanto aparenta.

Algumas manifestações com relação a práticas de religião de matriz africana refletem uma clara contaminação católica, como, por exemplo, está expresso na seguinte fala:

Depois surgiu o jornal dos cultos afros que eu trabalhei 10 anos e depois não quis mais. Eu estava muito bem, mas depois que eu comecei a ver esse negócio de tirar o dinheiro dos outros e mistificação, eu disse pra [...], minha chefe, que eu tenho só duas filhas pra me chamarem de mãe, pois nós temos a carne podre, amanhã ou depois nós morremos e vamos pra debaixo do chão e cadê aquela mãe? Mãe de Santo é Nossa Senhora, eu não admito que ninguém me chame de Mãe (afr.sl.me.ident/hv-027, 08/11/06).

A maior controvérsia, no entanto, está localizada dentro do próprio meio das religiões de matriz africana e tem muito a ver com o avanço da presença branca na liderança deste meio, que é, aliás, um fenômeno muito característico do estado do Rio Grande do Sul. Segundo uma Mãe de Santo negra, uma das entrevistadas, integrante do Grupo Cidadania, que é líder de uma casa de religião de matriz africana, a religião foi e é dominada pelo branco, que vem se aproveitando da mesma. Segundo ela, referindo-se aos Pais de Santo brancos, que existem em grande número, sempre que um branco conduz uma religião de matriz africana, sempre que um branco é saudado como Pai de Santo, ali se vê repetido o que "acontecia durante a escravidão", pois o branco conduzia e o negro ia atrás... Segundo esta Mãe de Santo, os brancos não deveriam liderar esta religião: "eles nos tiraram tudo, e agora tão vendendo a nossa religião" (afr.sl.me.ident/hv-028, agosto de 2008).

Assim chegamos à quarta observação que queremos fazer: Se, por um lado, existe esta reação que reflete a consciência profunda de uma história cultural usurpada, é também comum, por outro lado, nos depararmos com Pais e Mães de Santo brancos que vivenciam e expressam uma muito entranhada assimilação e identificação com a cultura e religião de matriz africana. Um Pai de Santo que integra um Grupo Inter-Religioso de Diálogo¹⁰, que é loiro e de cor branca – e cujo sobrenome é de origem alemã –, diversas vezes em suas falas espontâneas pode ser flagrado expressando essa pertença assimilada, quando diz, sem se dar conta de sua verdadeira origem: "Nós, da cultura africana..."; "A nossa cultura negra...", etc.

Conclusões

Chamou muita atenção a narrativa de um funcionário que atua na Unisinos e que se sentiu atraído pelo conteúdo de um dos cursos promovidos pelo Grupo Cidadania. Nunca havia se sentido muito mobilizado para esse tipo de atividade, mas

¹⁰ Aliás, já notamos anteriormente que a atenção pela educação (reeducação) das relações étnico-raciais e a atenção à temática África e Afrodescendentes começou a ter espaço na Unisinos a partir da preocupação e interesse mostrados pelo Grupo Inter-Religioso de Diálogo neste sentido.

compareceu por curiosidade. Quando se apresentou, no início do curso, levou um choque ao ser interpelado por uma das integrantes mais antigas e experientes do Grupo, que lhe perguntou: "Por que demorou?"

São coisas assim que vai te marcando. Eu sempre me vi como negro, mas eu estudei numa escola branca. Os meus vizinhos são brancos. Eu cresci no meio dos brancos. Eu fiz filosofia, ela é branca. Eu trabalho na Unisinos, a Unisinos é branca... (afr. sl.me.ident/ou-044, 24/06/10).

Foi necessário que alguém olhasse para ele e o interpelasse com a pergunta "por que demorou?", para ele dar-se conta de que existe uma forma diferente possível de "ser negro no mundo branco" além da forma considerada até então, como "normal", por ele...

Concluimos este artigo com o doce-amargo sabor do inconcluso, mas muito animados por ter ajudado a construir mais pistas para o avanço nos estudos que possam ajudar a iluminar o processo da "educação (reeducação) das relações étnico-raciais" no Brasil, principalmente, contribuindo para auxiliar na transformação de uma educação que continua levando a marca da sociedade eminentemente branca, sobretudo, no contexto em que se realizou a presente pesquisa. Espera-se, através deste artigo, ter podido dar uma contribuição, sobretudo, para os professores brancos no sentido de ajudá-los a mudar de uma perspectiva educacional centrada nos eurodescendentes para uma perspectiva efetivamente multirracial.

Em primeiro lugar, retomamos a mesma sensação, já expressa em artigo anterior, de que o envolvimento dos sujeitos afrodescendentes, ao longo de todo o processo da pesquisa e, também, na própria análise e sugestões tendo em vista o presente texto, contribuiu não só para ampliar o conhecimento da realidade leopoldense, mas para a superação da situação de abandono e discriminação vivida, em grande parte, pelos afrodescendentes nesta região.

As dificuldades de acesso à educação e ao ensino superior são gritantes, nesta localidade. Isto revela que a população negra, após as distorções históricas com relação à própria Casa da Feitoria, que, como vimos, poderia ter sido afirmada como símbolo de uma identidade, ficou de certa forma na invisibilidade, como, aliás, é muito comum na sociedade gaúcha em geral. O artigo, além de ter retomado o referido registro histórico, sinalizou para formas de superação e de correção de rota, sobretudo, pela via da educação (reeducação) das relações étnico-raciais em todo o sistema educacional. Nas oficinas de hermenêutica, em diversos momentos explicitou-se a importância de se trabalhar na "reeducação" dos brancos, no sentido de que o que está em questão na nova política étnico-racial não deve continuar centrado na população afrodescendente e nos grupos étnico-raciais historicamente excluídos. A política da educação (reeducação) das relações étnico-raciais convoca a branquitude a assumir uma postura educacional que proporcione efetiva cidadania aos demais grupos étnico-raciais.

No que diz respeito aos afrodescendentes, o caminho sinalizado é o do resgate da memória na construção da identidade. Diversos fragmentos da memória foram apontados como sinalizadores no processo de construção identitária. Falamos em perfis de identidade sinalizando que cada um dos aspectos parcialmente desvelados e descritos pode estar com menor ou maior intensidade presente na vida dos sujeitos afrodescendentes em questão.

O despertar da consciência da identidade negra necessita da mediação do choque e da indignação. É muito importante que se tenha presente a pertinência pedagógica do choque cultural, bem como é importante que aconteça o batismo da indignação. Alguns dos registros compilados neste artigo dão conta destes dois movimentos pedagógicos, que podem ser considerados essenciais no avanço na produção do conhecimento na temática em questão.

Lembramos um comentário feito por uma das professoras que acompanhavam as atividades e a participação das famílias negras, adolescentes, jovens e adultos nos Cursos de Inclusão Digital para Afrodescendentes e no Grupo Cidadania. A professora, um dia, comentou que "um choque de realidade não faz mal a ninguém". Os choques culturais se dão tanto entre os brancos como entre os negros, revelando embotamentos existentes com relação às relações sociais avaliadas equivocadamente, sem considerar a possibilidade de que todos os grupos étnico-raciais podem somar forças em prol da política da educação (reeducação) das relações étnico-raciais, que é uma política que convoca, de forma igual, a todos (brancos, negros, índios e outros) para um processo efetivo de relação e diálogo, que deve passar por uma radical reeducação em muitos aspectos.

O choque de realidade pode gerar perturbação, enclausuramento, mas normalmente, dentro de condições pedagógicas favoráveis, suscita a indignação necessária para que o "pulo do gato" aconteça. Ou seja, neste campo minado de preconceitos e discriminações, dos quais o próprio conhecimento se encontra contaminado, só um profundo sentimento de indignação poderá gerar um conhecimento mais livre e condizente com a "real realidade".

O artigo pretendeu ser uma escalada pelas pedras de tropeço, de choque e da indignação, a começar pela própria mal contada história de São Leopoldo, passando pela dificuldade de resgatar as histórias familiares, pelo sentimento de inferioridade e baixa autoestima gerada num contexto de discriminação histórica e, sobretudo, no trabalho, nas relações confusas no campo do lazer e da religião e nas lacunas e deficiências no campo da educação. No meio de toda indignação e, particularmente, mediado por ela, encontramos o sonho, a luta e o alegre sabor da vitória.

O Grupo Cidadania é percebido (e se percebe), hoje, como um verdadeiro espaço de "educação (reeducação) das relações étnico-raciais". A população pesquisada deve ser orientada no sentido de poder conhecer e reconhecer melhor a verdadeira história de suas origens e de suas identidades. À população branca cabe

uma maior tomada de consciência e reorientação com relação a toda esta história mal contada, viciada, torcida e centrada numa visão de superioridade do imigrante branco europeu. A política da educação (reeducação) das relações étnico-raciais tem como orientação fundamental privilegiar aquelas práticas que proporcionam o envolvimento protagonista dos sujeitos integrantes de grupos étnico-raciais historicamente excluídos. Esta é a orientação de base do Grupo Cidadania, protagonista desta pesquisa, ao longo de toda a sua trajetória. A lei refere-se não apenas a estudos e esclarecimentos temáticos, mas também orienta no sentido de trabalhar a identidade no processo das relações étnico-raciais entre brancos, negros, indígenas e integrantes de outras culturas. É preciso trabalhar os diferentes processos de identidade, principalmente, no que tange à busca efetiva das próprias raízes históricas e culturais, proporcionando cidadania e autonomia dos sujeitos. O que esteve em pauta no processo da pesquisa consubstancia um passo fundamental para a superação de mecanismos perversos, muitas vezes inconscientes, de invisibilidade, desconhecimento e amortecimento da consciência com relação à verdadeira contribuição da população negra na história e identidade de nosso povo, especificamente do povo leopoldense.

A "educação (reeducação) das relações étnico-raciais", quando se trata da relação entre brancos e negros, exige a educação do olhar dos profissionais brancos e negros sobre os sujeitos negros e suas potencialidades culturais, possibilitando efetiva garantia de acesso aos seus direitos, sobretudo o direito de conhecer e cultivar suas origens históricas. O presente artigo teve a pretensão de relatar alguns fragmentos resultantes deste esforço.

Agradecimentos

A pesquisa contou com a participação direta e indireta do Grupo Cidadania e Cultura Religiosa Afro (Grupo Cidadania): Débora B. Bauermann, formada em Psicologia, coordenadora do Grupo Cidadania e Cultura Religiosa Afrodescendente; Elisabeth S. Natel, formada em Pedagogia, coordenadora do Projeto de Inclusão Digital Afrodescendente; Inácio José Spohr, SJ, professor, mestre em Ciências Sociais, Coordenador do Programa Gestando o Diálogo Inter-religioso e Ecumenismo – GDIREC. Outros integrantes da equipe ou bolsistas que participaram nas reflexões para este artigo: Graciele Otília Silva, Letícia Pereira Maria, Lourdes Machado, Gilvana Marta dos Santos Mello e Cristiano Silveira.

Referências

- CAVALLEIRO, E. 2000. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo, Contexto, 112 p..
- CHAUI, M. de S. 1994. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática, 440 p.
- DILTHEY, W. 1949. *Introducción a las Ciencias del Espíritu*. Madrid, Alianza, 576 p.
- FOLLMANN, J.I. 2001. Identidade como conceito sociológico. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, 37(158):43-66.
- FOLLMANN, J.I.; PINHEIRO, A.A.; MARIA, L.P. 2009. Afrodescendentes em São Leopoldo: retalhos de uma história dominada. *Cadernos IHU*, 7(30):5-30.
- FREIRE, P. 1985. *Essa escola chamada vida/Paulo Freire*. 2ª ed., São Paulo, Editora Ática, 95 p.
- GOVERNO DO ESTADO RS. 2010. *O fim da pobreza: desafio civilizatório*. Porto Alegre, Secretaria de Justiça e Desenvolvimento Social, 77 p.
- HALL, S. 2005. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed., Rio de Janeiro, DP&A, 103 p.
- MINAYO, M.C. de S. 2010. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª ed., São Paulo, Hucitec, p. 303-360.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL. 2009. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, MEC-SECAD/SEPPIR, 80 p.
- PINHEIRO, A.A. 2009. Sujeitos étnico-raciais, diálogo e inclusão cidadã: Uma experiência de metodologia coletiva na área do pluralismo cultural e das relações étnico-raciais. *Cadernos de Extensão*, V:127-136.
- PINHEIRO, A.A.; MARIA, L.P. 2009. Memória de uma São Leopoldo negra. *Cadernos IHU*, 7(30):5-30.
- RAMOS, A. 1946. *As culturas negras no Novo Mundo: primitivo e loucura*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 373 p.
- RIBEIRO, A.S. T.; RIBEIRO, I. M. P.; SOUZA, B. O.; SOUZA, E.P. (orgs) 2008. *História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Escola*. Brasília, Agência Cooperação em Advocacy, 231 p.

Submetido: 14/06/2011

Aceito: 16/06/2011